



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegraphico Talhoba — Lisboa — Telefone 5339
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A Conferência Internacional do Trabalho

Lembram-se os camaradas da aquela velha questão da Conferência de Washington, que deu brado, pela forma indecorosa como um indivíduo do Partido Socialista Português se portou?

Era, em resumo, uma comédia, na qual o governo português, em obediência a um Tratado de Paz, para onde os trabalhadores não meteram prego nem estopa, desejava que o operariado colaborasse.

Esse tratado criou uma Sociedade das Nações; essa Sociedade das Nações criou por sua vez uma chafarica que funciona em Genebra, sob o título de Bureau Internacional do Trabalho. Esse Bureau foi organizado com o intuito de distrair os operários do sindicalismo revolucionário, enganando-os numa espécie de Internacional Oficial, onde os governos reinam e os patrões teem assento.

De quando em quando, esta caraqueola mexe-se, agita-se e berro, por esse mundo fora:

—Operários! Vamos lá realizar um grande Congresso Internacional!

E organiza-se uma Conferência de Washington, onde apenas os delegados dos governos ou daqueles organismos operários que nós não conhecemos, discutem assuntos que apenas por nós devem ser discutidos e resolvem habilmente coisas lindas (como a jornada das oito horas) regulamentando-as, convertendo-as em lei para que o operariado se deixe embalar por estas lúsbos e afrouxe a luta pelas suas reivindicações, que, embora convertidas em lei, só a consciência verdadeiramente revolucionária deve e pode impôr.

A Conferência de Washington foi uma verdadeira farsa. O governo enviou as associações operárias uma circular para que estas nomeassem três representantes, e o Estado de entre estes escolheria um que iria representar na referida assembleia o proletariado português. Realizou-se nessa ocasião o Congresso Nacional Operário em Coimbra. O operariado resolveu nesse Congresso não nomear ninguém, desinteressando-se da Conferência que considerava uma verdadeira burla.

Entretanto, apesar da resolução do nosso Congresso, o sr. Alfredo Franco apareceu subitamente nomeado. E sob a chuva de protestos que todos os organismos operários do país nessa altura fizeram e a Batalha registou, o sr. Alfredo Franco — a quem seduziu

tanto a viagem gratis à América que até andou a aprender inglês, ele que não sabe português — lá foi representar o operariado. E caso para notar — o sr. Alfredo Franco, voltou da América, passado algum tempo, mais gordo e corado, mas, que dóssems por tal, não apresentou relatório, não realizou uma palestra, não fez uma conferência, que dêsse conta dos seus altos trabalhos ou descrevesse o que foi a tal bridadeira de Washington.

Agora, outra farça do mesmo género está na forja. É a 3.ª sessão da Conferência Internacional do Trabalho que terá lugar em Genebra. Novamente o governo dirigiu às associações operárias uma circular um pouco suja, escrita em papel manteiga, com o carimbo do ministério do Trabalho e cujo conteúdo servimos em seguida aos leitores, para ler e apreciar.

Ex.º Sr. — Devendo realizar-se em Genebra, no dia 25 de Outubro próximo, a 3.ª sessão da Conferência Internacional do Trabalho, na qual Portugal se deve fazer representar por quatro delegados, dois nomeados pelo Governo, e os restantes representando, respectivamente, as classes patronal e operária, tenho a honra de rogá-vos, ex.º, se digno indicar-me, com toda a urgência, nomes de três sócios dessa colectividade a fim de ser escolhido o representante da classe operária em conformidade com o art. 389.º do Tratado de Paz.

Os leitores leram e devem apreciar esse precioso papelinho que por ser aspero e pouco maleável não tem utilidade, nem livra ninguém de aflições...

Avísamos os incautos, os ingenuos; dizemos-lhes daqui para não se deixarem iludir pelo papelinho.

Do resto talvez fosse desnecessário qualquer aviso. Aquela pretensão governamental de querer enviar delegados patronais e operários que, escolhidos pelo Estado burgues, pelo Estado patronal, há de ser afinal apenas delegados patronais, é já aviso suficiente para os operários conscientes.

O operariado português não colabora nessa comédia, onde se representará a peça já batida da «Colaboração de Classes» em assuntos que só redundam em benefício duma classe — a patronal. Se os governos burgueses pretendem iludir-nos, que se combinem lá entre si e não venham fingir que nós adoramos para que nós, fazendo papel de parvos, ainda lhes fiquemos gratos. Que se entendam lá entre eles e não façam de nós capa para o seu jogo...

C. G. T.

Nota officiosa

Tem o Comité Confederal conhecimento de que aos sindicatos operários foi enviado pelo ministério do trabalho uma circular, comunicando a efectivação em Genebra, em Outubro próximo, da Conferência Internacional do Trabalho, constituída pelos representantes dos governos dos países que formam a célebre Sociedade das Nações, pelos representantes da classe patronal, pretendendo-se ainda a representação da classe operária organizada.

Essa circular, expedida com data de 12 do mês corrente, convida os sindicatos operários a indicarem três nomes de componentes de cada corporação sindical, a fim de entre eles ser escolhido o representante da classe operária que tomaria parte nessa conferência, como delegado oficial do operariado português.

Afigura-se oportuno a este Comité recordar aos organismos sindicais que constituem a C. G. T., a doutrina adoptada pelo Congresso de Coimbra a propósito da Conferência de Washington que toda a organização operária brilhantemente cumpriu e que se consubstancia no seguinte: «que a classe operária não tem qualquer vantagem na sua representação no referido congresso, que é composto por tudo, menos por operários e ainda porque representaria a colaboração de classes que nós reconhecemos de nenhuma vantagem para a classe operária».

O Comité Confederal, fiel aos princípios consignados na resolução acima transcrita, firmada na concepção sindicalista revolucionária que orienta as classes operárias organizadas que constituem a C. G. T., em manifesto antagonismo com a pretensa colaboração de classes que aquela instituição político-burguesa internacional pretende, convida os organismos operários a absterem-se de interferir nessa burlesca representação.

O Comité Confederal

Movimento revolucionário na Espanha

A greve geral em Bilbao — Conflitos com a policia

Como consequência das violências reaccionárias do governo espanhol, da crise económica e da guerra de Marrocos, rebentou em Bilbao no dia 29 de Agosto um movimento grevista, que nos primeiros dias decorreu com serenidade.

Foi o governador civil da provincia, quem primeiro deu fogo à pólvora, prendendo uma dúzia de sindicalistas e comunistas, entre os quais o conhecido agitador Oscar Peres-Solis.

Nessa mesma noite o comité de agitação resolveu accentuar o carácter violento da greve, começando logo na manhã seguinte os conflitos com a policia por causa dos amarelos. O governo mandou então vários regimentos, de tropas regulares, a fim de lá manterem a ordem, e como os soldados ainda não lhe merecessem bastante confiança, enviou mais alguns corpos da guarda civil.

O resultado foi travar-se uma violenta batalha entre os grevistas e a guarda civil, tendo ficado muitos operários feridos e um guarda com um braço esclafado.

Isto ainda mais aumentou o descontentamento, estendendo-se depois a greve a muitas outras classes (metalúrgicos, tipógrafos, etc.) e fechando todo o comércio, nos dias que se seguiram.

Apesar da censura, e o próprio governo que confessa que a situação é muito grave, e que se espera que a greve se estenda não só a toda a Biscaia, mas até às outras provincias limítrofes.

REVULSIVOS

Disse há tempo um deputado Ex-ministro, não basbaque, que não podia desgrudar-se de um certo posto a saque. O que há muito era provado.

Isto tem sido um maná: Quem mais pode cravar a unha. O amanhã que será. Nesta Serra da Cardanha? Como é que isto acabará?

É um effarlar vilanagem: Toda a gente vai ao mesmo, Está por cima a guarnição. E os cardenhas são a esmo, Sem castigo nem contagem.

E quem ao mesmo não anda E por engano ou fraqueza; Faz que anda mas desanda Por ser parvo, com certeza. Ou jericó d'outra-banda.

Proseguindo, o povo ordeiro, Uma patética rethorica. Vão criar o pão terceiro. Ficam três tipos distintos. Mas nem um só verdadeiro.

J. B.

A AUDACIA DOS POLITICOS

Uma tentativa de roubo de 4.500 contos

O caso deu-se ontem, ao escurecer, na sala da Câmara dos Deputados

Ontem, na Câmara dos Deputados, deu-se um caso escandaloso que bem revela a necessidade do povo tomar providências energicas e immediatas para a policagem que audaciosamente e desenfreadamente desrespeita as leis e os mais rudimentares preceitos de lealdade e de decore que constituem a moral de todo o homem digno de como tal ser considerado.

Um reduzido grupo de deputados, uns trinta e tantos, aproveitou-se da escuridão que envolvia por completo a sala das sessões e com a cumplicidade do presidente, pretendendo, de afogadinho, só com 42 deputados presentes e já depois da hora de terminar a ordem do dia, isto é, contra todas as disposições regimentais, votar e aprovar um projecto de lei que abria um crédito de 4.500 contos para pagamento de indemnizações por prejuizos causados pela última revolução monárquica.

O audacioso golpe dos atrevidos políticos não foi levado a effecto porque a protestar em nome do prestigio da república e do parlamento surgiu um velho republicano que, segundo se diz, mas não se afirma, pois a escuridão não permitiu reconhecê-lo, chama-se Francisco Cruz, natural e proprietário na Barquinha e que milita no Partido Liberal.

O caso que indignou os jornalistas e o pessoal menor do Congresso, unicas pessoas que assistiram a toda essa causa, passou-se como vamos relatar:

Abusos cometidos à sombra da lei das indemnizações

Logo no começo da sessão, o deputado monárquico sr. Carvalho da Silva anunciou à Câmara que tinha um assunto gravissimo a comunicar com o qual provara infelivemente que o país está a saque. Não sabe, porém, se a Câmara lhe permite que fale nesta ocasião.

—Fale! Fale! — gritam de todos os lados. Então o orador referiu-se à forma como foram arbitradas as importâncias das indemnizações a pagar por virtude dos prejuizos causados pela revolução monárquica. Referiu-se só às indemnizações a pagar em Lisboa onde — diz o orador — não lhe consta que a revolução monárquica tenha feito prejuizos.

Al sr. Artur Leitão foi arbitrada a indemnização de 330 contos pelos estragos causados ao seu jornal *O Portugal*, jornal — diz o orador — sem importância, que só poderia dar prejuizos com a sua exploração e que não valia mais que umas dezenas de contos. Ao mundo foi arbitrada a indemnização de 226 contos, ao Grémio Montanha, 23 contos, ao Grémio Luzitano, 249. E ainda nomes de particulares desconhecidos que foram indemnizados. Entre esses particulares cita os srs. José Nunes e Adriano Duarte, este último — diz o orador — era um operário que só tinha de seu o fato que vestia.

O orador, que protesta contra mais este caso que repudia escandaloso, termina apresentando um projecto anulando a lei das indemnizações e procedendo a um inquérito aos abusos cometidos à sombra dessa lei.

Al sr. Carvalho da Silva respondeu o sr. Lopes Cardoso que disse que as indemnizações foram julgadas e arbitradas por um tribunal especial criado pela lei e salienta a honrabilidade dos juizes desse tribunal. Acrescentando que mesmo que por ventura haja injustiças nas decisões desse tribunal não reverteriam em prejuizos para a nação, pois são os monárquicos que há de pagar essas indemnizações. O Estado não está a saque como disse o deputado monárquico.

O sr. Carvalho da Silva registou a declaração do sr. Lopes Cardoso, No

DE BOM HUMOR

Há dias um illustre visitante do Jardim Zoológico, não sei se «bom republicano» mas, sem dúvida, grande patriota e homem de bríos e cardete, vendo ali um miserável camaleão desprevendo que é um bicho que muda de cor consoante lhe apraz para melhor se acomodar às conveniências ou circunstâncias do momento que passa, puxou dum canivete e, como o poderia ter feito com um copinho de aguardente, matou o bicho, no intuito manifesto de livrar a sociedade em geral e a República em especial duma alimária indesejável tanto como qualquer outra com a maldita pecha, aliás muito generalizada, de mudar de cor por comodismo, ou pela segurança da gamela ou pela covardia que se tornou colectiva e assinala uma das principais características da raça portuguesa, feio, é claro, e devido descontento que, por desgraça, é muito pouco avultado.

Mas como o diabo paga sempre mal a quem o serve, os empregados do jardim prenderam o camaleão, e, entregando-o à policia, depois de o sobrever pelo seu gesto que, em minha opinião, não podia ter sido mais meritório de recompensa mui diversa daquela que lhe concederam.

Sim, senhores, porque se todos nós assim fizessemos; se cada um de nós applicasse, pelo menos, uma boavosa aos camaleões, fazendo-lhes montaria como se faz aos lobos que são maus porque a fome a isso os obriga, lá muito que estaríamos livres dessa maldita praga mais daninha que a praga dos gafanhotos.

O momento internacional

PELA FRANÇA

O proletariado do norte prepara-se para a greve geral.

O norte da França está em efervescência. Como resposta à arrogância patronal o proletariado prepara-se para a greve geral.

Um grande cortejo de grevistas que se dirige de Tourcoing para Roubaix voltou um caminho cheio de amarelos, que encontrou no caminho.

Em Roubaix reuniram-se cinquenta mil pessoas, que foram protestar em frente do edificio do «consórcio patronal», e que decidiram depois num comício público estarem prontos para a primeira voz declararem a greve geral.

Quando se retiravam para suas casas, cantando a Internacional, produziram-se vários incidentes, sendo apedrejadas as janelas do «consórcio patronal».

NA BAVIERA

Entre Berlín e Munique.

Continuam as dissensões entre os nacionalistas reaccionários da Baviera e o governo democrático de Berlín.

Os trabalhadores da Baviera do Norte desejam separar-se da tutela do governo de Munique, e falam em declarar a greve geral de protesto contra as armatredas dos reaccionários bávaros.

NA ALEMANHA

A crise interna

O jornal *Leipziger Volks Zeitung*, um dos mais importantes órgãos do partido socialista independente, ocupando-se da situação política da Alemanha, declara-se descontente com a forma como foi

iniciada a luta contra a reacção depois do assassinio de Erzberger. Diz ele, que Wirth não dá provas daquela coragem, que manifestou nos seus discursos, e que em vista disso os socialistas maioritários devem retirar-lhe o seu apoio, e formar com os independentes a frente única do proletariado.

Recorda que o presidente do conselho disse recentemente que a questão de república ou monarquia era de importância secundária, e que portanto nestas condições apressará o triunfo do partido da direita.

«Um governo que se mostra incapaz de manter as suas promessas, não pode ser apoiado por nenhum partido operário».

Se os maioritários não se convencem disto, a frente única do proletariado é facil-se há novamente, com grave dano para a classe operária e benefício para a reacção. Que os maioritários compenem as graves responsabilidades que assumem n sta hora.

NO JAPÃO

Os marítimos organizam o sindicato único

Realizou-se em Kobe, a 5 de Julho, a primeira conferência dos delegados das numerosas associações dos marítimos do Japão.

Ficou organizado o sindicato único, que engloba vinte e sete associações separadas, e cuja sede central é em Iochomama.

Os operários japoneses estão mostrando agora uma grande actividade na propaganda associativa, procurando subtrair-se à influencia dos leaders reaccionários, que em todos os movimentos se põem sempre ao lado dos patrões e do governo.

A carestia do pão

Os trabalhadores rurais de S. Tiago de Cacém protestam contra o aumento do preço do trigo

S. TIAGO DE CACÉM, 14. — C. — Houve ontem reunião extraordinária na Associação dos Trabalhadores Rurais para se dar cumprimento à última circular da C. G. T., que diz respeito ao auxilio a prestar ao povo russo, e também para se protestar contra o pretendo aumento do preço do trigo, secundando assim os protestos já formulados em diferentes pontos do país, não só pela organização operária, como por todo o povo consciencioso. Para esse effecto, José Luís Pereira apresenta o seguinte documento:

Atendendo a que em diversas localidades do país, nomeadamente no Alentejo, se tem levantado justos e energicos protestos contra o constante aumento do preço do pão;

Atendendo a que nos foi remetida pela nossa Federação cópia dum telegrama de protesto a enviar à câmara dos deputados, cuja cópia não chegou a tempo de a transmittirmos àquella instituição parlamentar, fazendo-lhe assim sentir a nossa justa indignação;

Atendendo ainda a que lavra pelo país uma intensa crise de trabalho e que, a par disso, vão diminuindo as magras fêrias dos trabalhadores e aumentando sempre, vertiginosamente, o custo de tudo quanto é indispensável à vida;

A Associação dos Trabalhadores Rurais de S. Tiago de Cacém, reunida em sessão magna, resolve:

1.º Dar todo o seu apoio à justa campanha de protesto, já iniciada em diversas localidades, para que não vingue o projecto de lei, tendente a elevar o preço do trigo a mais de \$36 ctvs. o quilogramas;

2.º Dar conhecimento das resoluções tomadas ao nosso órgão na imprensa *A Batalha*, já que, na devida oportunidade, não podemos telegraphar à câmara dos deputados;

3.º Julgar incompetente e inadaptable a organização capitalista da sociedade, que ameaça subverter-nos por meio da fome e da opressão.

Como esta reunião não fosse concordada como seria para desfeir, ficou marcada nova reunião para o próximo domingo, 18, a fim de se poder dar cumprimento à circular da C. G. T.

O povo de Igrejinha reclama farinha e mais barata

IGREJINHA, 15. — Há dois meses que a população desta localidade paga a farinha a \$75, tendo-se pago também a \$80 durante algumas semanas, quando em Arraiolos e nas restantes freguesias do concelho se tem vendido a \$70, no depósito da fábrica de moagem de Arraiolos, succedendo até que ao povo de Igrejinha negam a venda de farinha, não tendo este facilidade em a comprar noutra parte.

Resolveu o povo local nomear uma comissão para se entender com a autoridade administrativa no sentido de tomar as medidas necessárias para a solução do caso, não se obtendo resposta alguma satisfatória. Procurou a mesma comissão o governador civil de Évora reclamando providências, e esta autoridade respondeu que não havia lei que lhe permitisse estabelecer igual preço para a farinha em todo o concelho.

Em virtude de não darem resultado as demarches da comissão, o povo manifestou-se a não deixar sair o trigo que se encontra no deposito, sem que entre igual quantidade de farinha pelo preço que se vende nas outras freguesias do concelho, tanto mais que nesta localidade se produz trigo que chega para o triplo da população.

Depreende-se que o povo de Igrejinha está sendo alvo dos ódios dos moageiros.

ros da fábrica de Arraiolos, sendo de esperar que se faça justiça para evitar anormalidades que aqueles provocam, não se sabe com que intuito, pois que os habitantes desta localidade foram sempre ordeiros e só exigem o que de direito lhes pertence.

Em Vila Nova da Baronia há dois dias que não há pão nem farinha

VILA NOVA DA BARONIA, 12. — E. — A junta desta freguesia acaba de efectuar uma reunião protestando contra a carestia do pão, pois há dois dias que nem pão nem farinha se encontra, pretendendo os lavradores elevar o seu preço para \$60, quando há trigo velho, pelo menos para seis meses.

De noite tem-se transportado farinha e trigo para as estações de Vila Nova e Viana do Alentejo, encontrando-se nesta estação um vagão disponível, sobre o qual o povo tem exercido fiscalização para que não saia mais essa pequena quantidade de trigo.

Os lavradores pretendiam que a farinha se vendesse a \$700, mas não conseguiram o seu intento, tendo sido fixado o preço em \$420.

O pão em Évora

O ministro da agricultura prometeu ao deputado sr. Manuel Fragozo que lá estabelecer para breve um regime especial de dois tipos de pão aos preços de \$50 e \$80, certo de que o de 2.º será melhor do que o que actualmente a cidade está a pagar a \$40.

No norte da França rebentou a greve geral

Perto de 100.000 grevistas

Começou u norte da França, na região Roubaix-Tourcoing, a greve geral de solidariedade para com os operários textis.

Em Roubaix já se teem produzido vários incidentes. Os grevistas obrigaram a voltar para Lille os tramways que de lá tinham partido, e para impedir a circulação derrubaram nas linhas dois caminhões, carregados de caixas. Um homem que tinha quebrado os vidros dum armazém foi tirado pelo povo das mãos da policia.

Num meeting realizado nesta cidade, o secretário da Bolsa de Trabalho de Elbeuf, declarou que se te-taria generalizar o movimento a toda a região normanda.

O comité da greve autorizou a que retomassem o trabalho os empregados dos hospitais, os coqueiros, leiteiros e empregados dos matadouros. Foi feito um acordo com o sindicato de alimentação para o fornecimento de pão às populações.

Sindicância

A pedido do ministro do Trabalho o seu colega da Justiça encarregou o juiz de Vila Pouca de Aguiar, dr. sr. António José Alves Ferreira de Lemos, de proceder a uma rigorosa sindicância a dois funcionários, um dos quais é de hierarquia superior.

Casa dos Trabalhadores do Porto

No domingo, 2 de Outubro, a Comissão Central da Casa dos Trabalhadores do Porto effectua uma excursão à Póvoa de Varzim, em comboio especial, cujo produto se destina à construção, naquella cidade, do grande edificio social.

Operários!

Só com uma sftida organização sindicalista, podéis melhorar a vossa situação económica.

A Educação do Povo

Um grupo de trabalhadores rurais de Évora tem já iniciada a construção duma escola

Os trabalhadores rurais de Évora, cujas características revolucionárias são bem conhecidas em todo o país, pretendem erguer com o seu próprio esforço uma escola, onde os seus filhos possam encontrar a instrução que não conseguem obter nas escolas officias.

Um grupo desses trabalhadores rurais lançou-se com energia à tarefa de, à custa de mil sacrificios sobre os sacrificios que a sociedade presente impõe, de edificar em Louredo, a cinco quilómetros da cidade, uma casa própria para a referida escola. A solidariedade dos trabalhadores já conseguiu obter o pedaço de terreno onde a nova escola será edificada, já comprou mesmo alguns materiais para a edificação. Mas os recursos agora estão esgotados. A comissão administrativa da Sociedade Escolar «Educação do Povo», em último recurso, resolveu apelar para a solidariedade dos trabalhadores do país inteiro.

Certamente que os trabalhadores de todo o país não permitirão que aquella utilissima obra fique em meio. O resto do operariado, contribuindo, com a sua cota parte, para que a nova escola seja um facto.

O secretário da comissão administrativa, António Joaquim da Silva, espera que lhe sejam enviadas para a rua do Salvador Velho, 21, Évora, todas as importâncias que se destinem à bella obra de instrução e educação que os trabalhadores de Évora pretendem e hão-de realizar.

NOVELA VERMELHA

Impossível redenção

por Augusto Machado

Todos os trabalhadores que se mostram refractários ou indiferentes a ingressar no exercito dos associados, convertem-se em inconscientes e doces instrumentos dos burgueses contra os seus próprios irmãos.

